

# Intervenção fonoaudiológica centrada na família

Apresentadoras:

**Christinau Silva – 4º ano**

**Letícia Costa – 3º ano**

Orientação:

**Fga Dra Grace Cristina Ferreira-Donati**

# Diferentes abordagens na relação terapêutica



Abordagem centrada na pessoa

Abordagem centrada na família

Modelo Biomédico

Modelo formal

Modelo funcional

Abordagem comportamental

# Diferentes abordagens na relação terapêutica



Abordagem centrada na pessoa

## Abordagem centrada na família

Modelo Biomédico

Modelo formal

Modelo funcional

Abordagem comportamental

# Família x Comunicação

- O desenvolvimento sociolinguístico e da comunicação dependem da interação entre diversos fatores, e um deles, é a participação da **família** neste processo.
- É ela quem forma o primeiro grupo de convívio do indivíduo, e é neste grupo em que adquirem suas primeiras relações afetivas, o aprendizado e as funções de seu papel social.
- Desse modo, aprende a utilidade dos sons e passa a usá-los com a intenção de se comunicar com o outro, e a evolução deste quadro é o desenvolvimento da fala, do pensamento e de outras habilidades importantes.

ABRAMIDES, 2008  
MINERVINO, 2008



# A intervenção fonoaudiológica centrada na família

“ [...] é fundamental que este indivíduo seja compreendido como membro de uma família que, em face de um transtorno comunicativo, enfrenta dificuldades e busca, de um modo ou de outro, se ajustar a esta demanda”.

FERREIRA-DONATI, 2016.

## Abordagem centrada na família

- ▶ Baseia-se em princípios de prática concebidos para aumentar a autodeterminação dos pais de crianças e jovens com deficiência, nos processos parentais de tomada de decisão colaborativa do profissional e autoeficácia dos pais.
- ▶ Os profissionais assumem o papel de facilitador e colaborador, e não de especialista cujo conhecimento excede o dos pais.



▶  
DUNST et al., 1988,  
BLOCK & BLOCK, 2002,  
TOMASELLO, et al, 2010.



## Abordagem centrada na família

Allen, Petr e Brown (1997) reiteraram as dimensões da prática centrada na família como:

- ◀ Centralizado na família (o profissional atua sobre toda a família, não apenas com a criança sob atenção);
- ◀ Tomada de decisão informada pelas famílias (profissional deixa claro que a família, não o profissional, é a responsável por decidir o que é feito pela criança e família);
- ◀ Perspectiva de pontos fortes (o funcionário entende que os pais conhecem seu filho melhor do que qualquer outra pessoa).

TOMASELLO, et al, 2010

## Abordagem centrada na família

- ◀ Tempo investido com a criança e com a família;;
- ◀ Ouvir atentamente a família;
- ◀ Sensibilidade à família e aos seus valores e costumes;
- ◀ Fornecer informações apropriadas à família;
- ◀ Ajudar a família a se sentir parceira na assistência à saúde da criança.

Aumenta a probabilidade da família ficar satisfeita com o cuidado que recebem do profissional e, por sua vez, aumenta a chance da família seguir suas recomendações.



# Abordagem centrada na família

Assim, não só os pacientes terão apoio, mas as famílias também.

Uma abordagem centrada na família para trabalhar com crianças, jovens e suas famílias, favorecem os profissionais de saúde a melhor atender às diversas necessidades com as quais essas famílias podem apresentar.



# Empoderamento familiar

Singh et al. (1995):  
É o processo pelo qual as famílias têm acesso ao conhecimento, às habilidades e aos recursos que as tornam capazes de adquirir controle positivo sobre suas vidas, como, também, de melhorar a qualidade de seu estilo de vida.

FERREIRA-DONATI (2017).



## Empoderamento familiar

Williams; Aiello (2004):

“Atuando de tal forma, a relação de parceria se operacionaliza de modo correto, ou seja, a família passa de uma posição passiva (de ser mera receptora de serviços) para ser um agente de transformação social, capaz de mudar e enfrentar com dignidade as múltiplas adversidades da vida. Em outras palavras, a família torna-se empoderada.”

FERREIRA-DONATI (2016).



**Como pôr em  
prática  
?**

# Como pôr em prática esta intervenção?

## Entrevista fonoaudiológica



## Avaliação e diagnóstico



## Planejamento terapêutico



# A entrevista fonoaudiológica

Entrevista ainda é bastante influenciada ou mesmo baseada no modelo médico: a chamada anamnese, que tende a produzir um questionário que leva a uma forma de entrevista dirigida, em que, fatalmente haverá um “jogo de perguntas e respostas”.

A entrevista inicial fonoaudiológica, por seu caráter de importância, deve ser ponto de reflexão para o fonoaudiólogo, uma vez que funciona como sendo a **porta de entrada do paciente no tratamento**.

É a partir dela que o terapeuta consegue reunir dados para analisar e viabilizar sua decisão em face da problemática da comunicação que é apresentada.

# A entrevista fonoaudiológica

A entrevista inicial configura-se como o procedimento que funciona, viabilizando a introdução da pessoa no universo clínico. É a partir dela que se pode deixar desvendar, sistematicamente, a história de vida do paciente, de sua família e de sua patologia.

O favorecimento de uma condição de escuta possibilita que a entrevista seja como um momento em que o "verbo se fez", abrindo espaço e interlocução, em que a linguagem passa a ser entendida como transparente e opaca ao mesmo tempo, cabendo ao fonoaudiólogo, a partir da escuta do dizer do outro, atribuir significado e conceber um sentido inédito à história relatada pelo paciente ou por sua família.

# A entrevista fonoaudiológica

É importante que o paciente e/ou sua família se sintam confiantes no terapeuta. Este, por sua vez, precisa também oferecer a sensação de segurança a quem o procura, circunstância necessária para que o paciente e sua família experimentem um sentimento de estabilidade e continuidade no tratamento.

REGO, 2000.





# A avaliação fonoaudiológica

A avaliação clínica pressupõe o conhecimento e o uso de uma série de ferramentas técnicas, especificamente ligadas à Fonoaudiologia e à comunicação humana, mas, também, questões mais abrangentes relativas ao ser humano e suas relações e sentimentos sobre o meio que o cerca.

Geralmente, o paciente e seus familiares estão em situação de vulnerabilidade em relação ao profissional de saúde, visto que este é o detentor do conhecimento técnico acerca das tecnologias a serem empregadas, considerando graus variados de sofisticação, custo e eficiência.

GOULART, CHIARI, 2007.

# A avaliação fonoaudiológica

A intervenção voltada a família permite que tais tomem decisões sobre a avaliação e o tratamento de seus filhos e incentiva o profissional a reconhecer a família como especialista no desenvolvimento da criança.



TOMASELLO et al, 2010

## O diagnóstico

O momento de informar o diagnóstico é o episódio de maior sensibilidade na relação entre o profissional de saúde com os familiares e também, está intimamente ligado com a capacidade de encontrar apoio, confiança e esclarecimentos reais.

Nem sempre os profissionais estão preparados para fornecê-lo, podendo dar falsas esperanças ou ser extremamente realista e pessimista.

FALKENBACK, DREXSLER, WERLER, 2008.





## O diagnóstico

Receber o diagnóstico sobre qualquer alteração é sempre impactante para toda a família. A partir dessa notícia, surge um turbilhão de sentimentos inesperados em todos os familiares, como angústia, medo, frustração e insegurança, o que pode levar a conflitos inesperados.

Com a confirmação do diagnóstico, muitas famílias acabam vivenciando o período de negação, já que, no íntimo não querem deixar para trás as idealizações que criaram para aquela criança. Com isso, devemos ajudá-los a superar este momento.

Se respeitar e se permitir sofrer é de suma importância para encarar a realidade e prosseguir empenhado na reabilitação dessa criança.

FUMAGALI, LOPES-HERRERA, 2016.



## O diagnóstico

Entretanto, para que as orientações transmitidas pelos profissionais aos responsáveis pela criança sejam compreendidas, faz-se necessário que estas sejam claras, acessíveis e realizadas de maneira sistemática;

Além disso, as informações verbais possuem a emergência de serem complementadas com materiais educativos com linguagem simples e acessível, para que os pais acessem após as consultas, respeitando assim o tempo para assimilação do conteúdo.

BASTOS, FERRARI, 2014.

## O planejamento terapêutico

- A família pode assegurar e participar do processo terapêutico de diferentes formas.
- A confiança mútua desenvolvida entre os membros que fazem parte do processo que o tornam criador de possibilidades e permitem ao terapeuta a visão privilegiada sobre o lugar do sujeito na família e as possibilidades de mudança.
- Neste trabalho com a família, o fonoaudiólogo se coloca como mediador e não como instrutor.

GIVIGI, 2007.

# O planejamento terapêutico

- O relacionamento harmonioso entre o terapeuta e o paciente, e entre a família e o terapeuta criará um ambiente favorável à confiança entre todos os envolvidos no processo.
- Construído o vínculo, a família estará mais disponível para, por meio das trocas com o profissional, compreender e participar de modo construtivo no desenvolvimento do processo de seu filho.
- A parceria estará selada, e será o paciente que receberá os benefícios dessa parceria.

GIVIGI, 2007.



## O que as famílias dos nossos pacientes acham da nossa intervenção?

Aplicamos questionários para familiares de pacientes atendidos na clínica de Fonoaudiologia FOB/USP para conhecer a opinião dos mesmos sobre a inclusão da família no processo terapêutico.

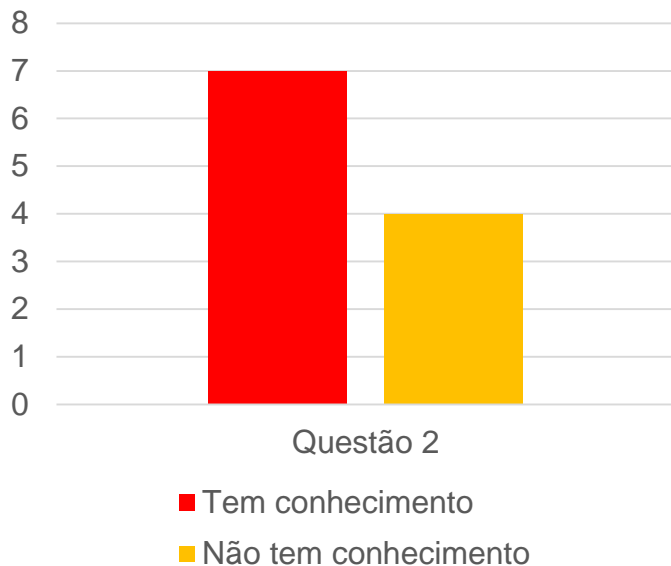
11  
questionários



# 11 questionários

Na sala de espera

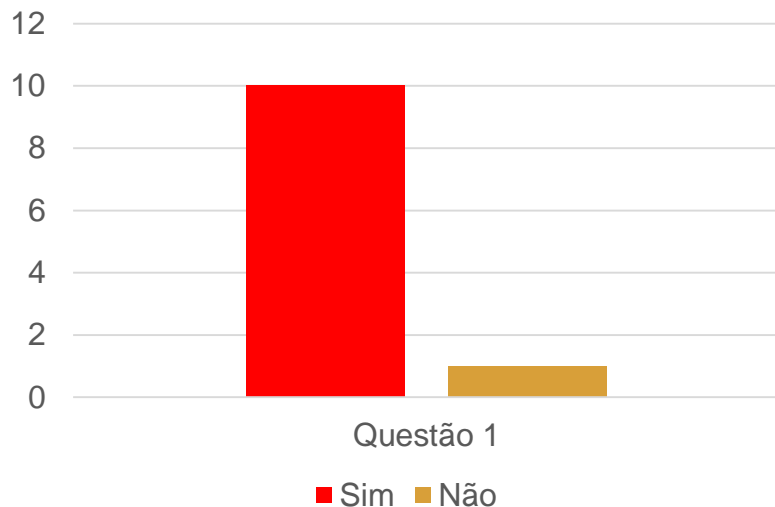
## 1. Objetivos do atendimento fonoaudiológico



# 11 questionários

Na sala de espera

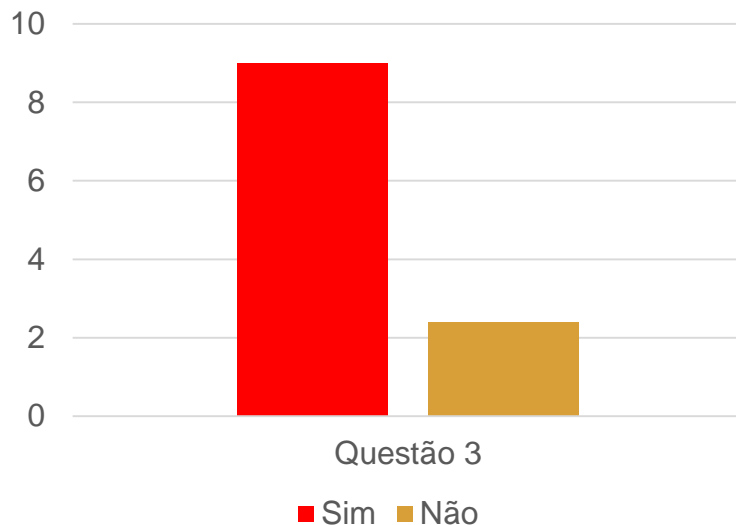
## 2. Informações fornecidas a respeito do processo terapêutico são suficientes?



# 11 questionários

Na sala de espera

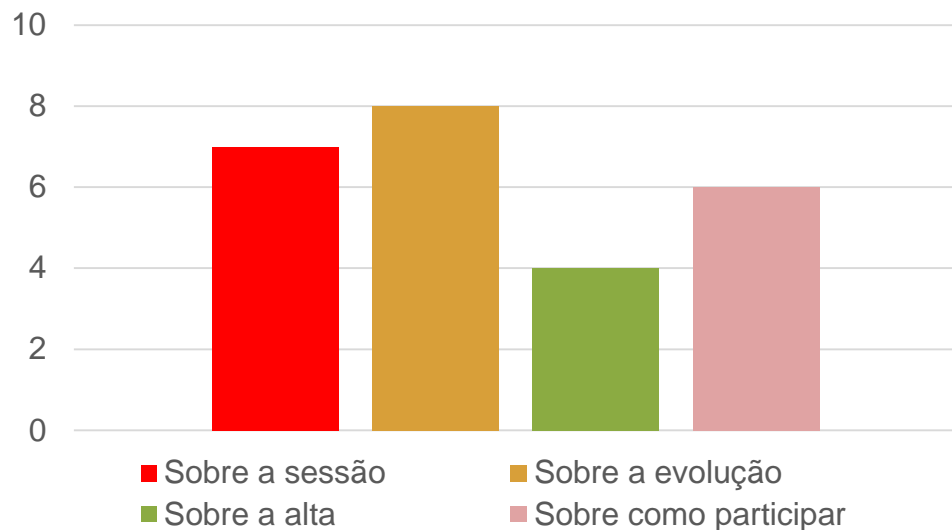
## 3. Gostaria de ter mais informações sobre o atendimento?



# 11 questionários

Na sala de espera

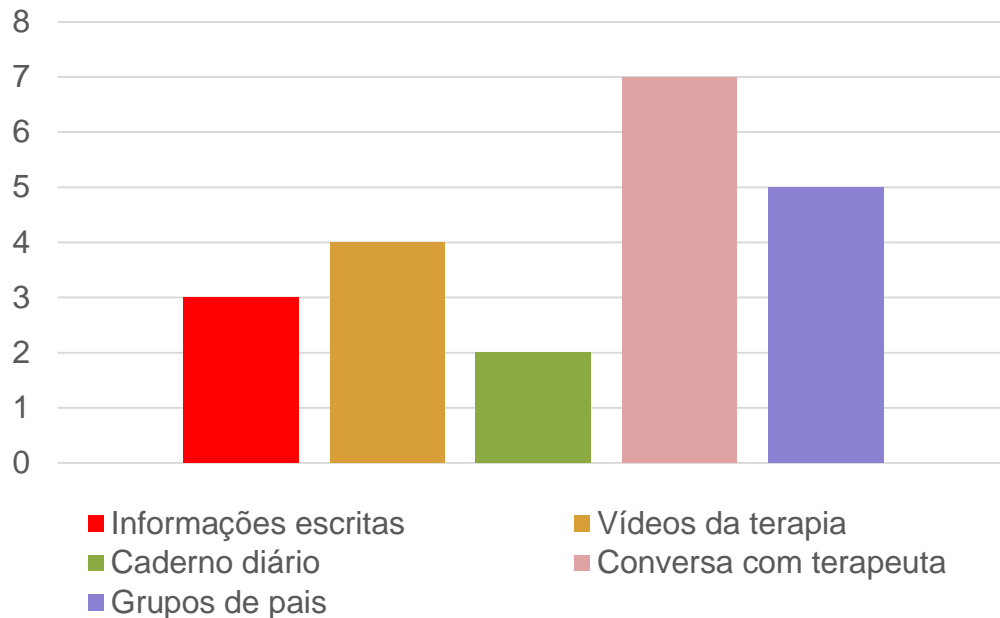
## 4.O que você gostaria de saber ?



# 11 questionários

Na sala de espera

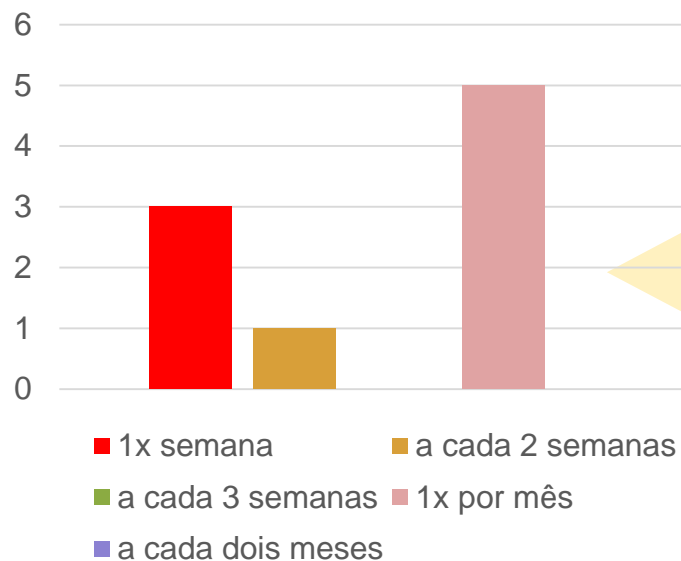
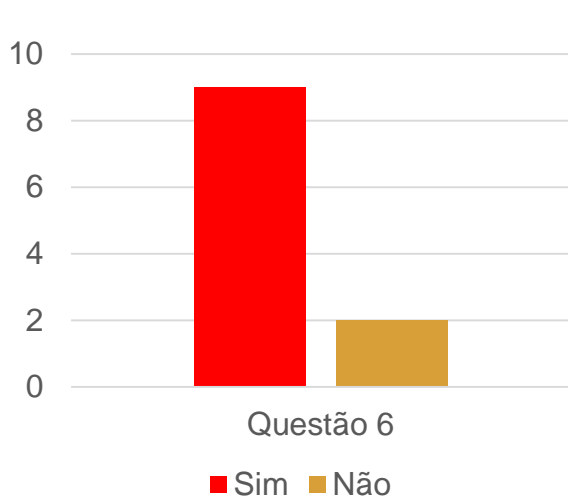
## 5. De que forma você acha que poderia participar mais?



# 11 questionários

Na sala de espera

## 6. Você gostaria de participar da sessão de terapia? Com que frequência?



# 11 questionários

Na sala de espera

## 6. O que você acha que aprenderia?

*“Como ajudar ele em casa, pois ele não aceita ajuda de casa”*

*“Aprenderia a maneira correta de auxiliá-lo em casa com os exercícios”*

*“A ensinar com técnica”*

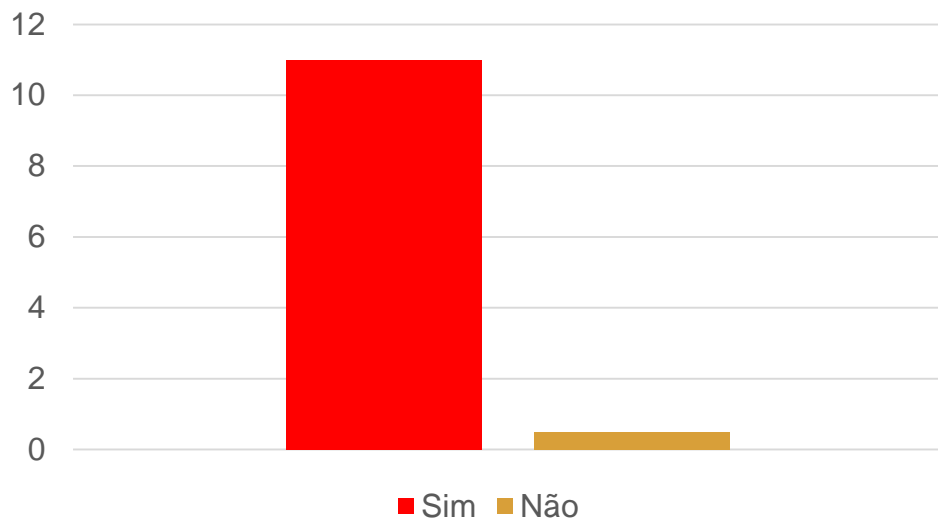
*“Como ajudar meu filho a ter alta mais rápido”*

*“A sentir o crescimento da criança em relação ao seu problema específico, mesmo conversando com a profissional, seria bem interessante, saber dele, sem que ele perceba a presença dos pais”*

# 11 questionários

Na sala de espera

## 7. Você tem conseguido participar do processo terapêutico?

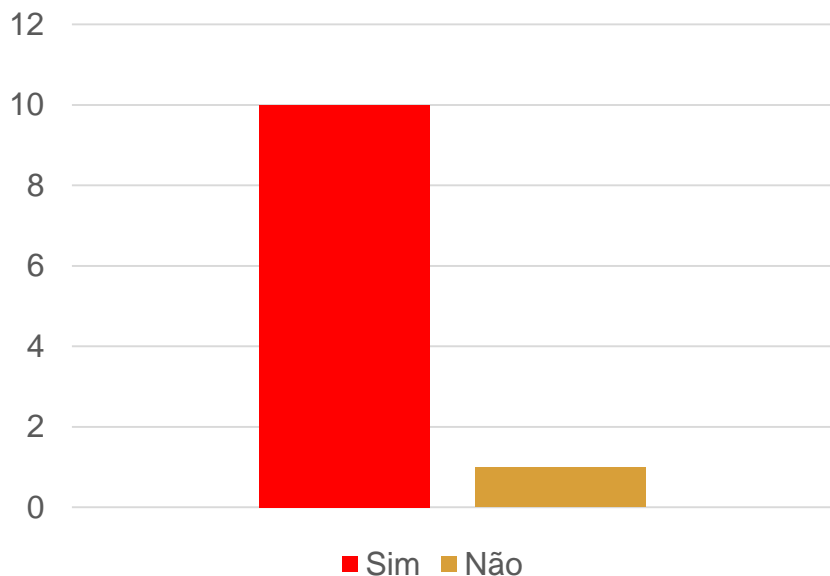




# 11 questionários

Na sala de espera

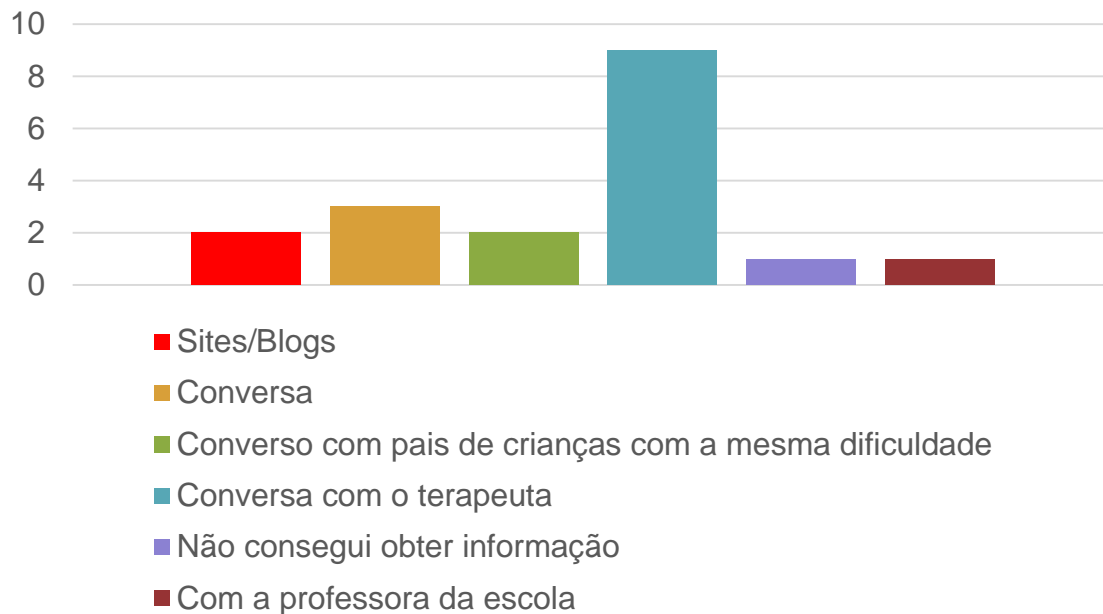
**8. Você se sente seguro para realizar as atividades orientadas pelo fonoaudiólogo, em casa?**



# 11 questionários

Na sala de espera

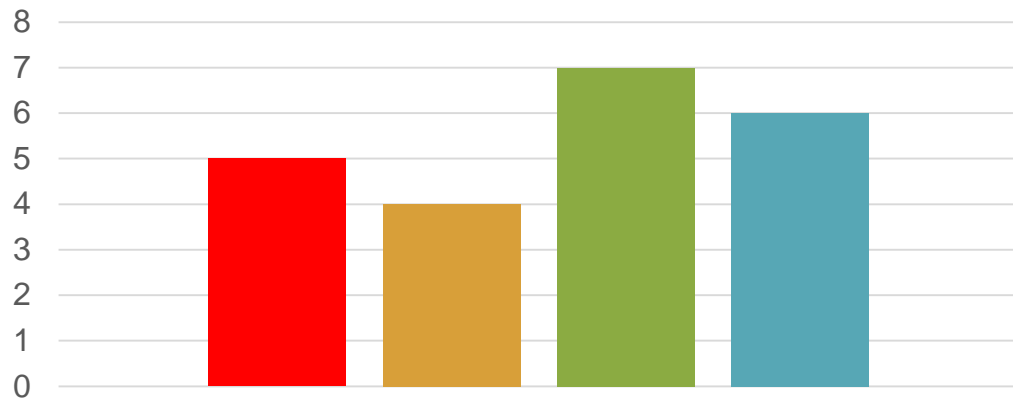
## 9. Como você adquire informações a respeito da dificuldade?



# 28 questionários

Na sala de espera

## 10. Como você acha que aprende melhor?



- Com vídeo demonstrativo
- Lendo textos
- Fazendo com alguém mais experiente
- Discutindo com pessoas que estão aprendendo a mesma coisa



# Em resumo

## Objetivos do atendimento

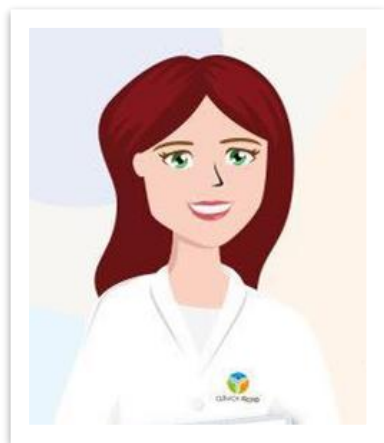
Metade dos pais não souberam informar ou informaram incorretamente qual o objetivo do tratamento dos seus filhos, o que indica uma falha na comunicação entre profissional e família;

## Informações sobre o atendimento

Quase 100% dos pais gostariam de receber mais informações sobre o atendimento de seus filhos, sendo elas a respeito da evolução, sobre as atividades realizadas durante a terapia e sobre como auxiliar e participar do processo terapêutico.

## Como participar mais

O terapeuta deve questionar a família sobre como ela aprende mais, de que forma ela consegue participar mais do processo terapêutico, considerando as limitações e as necessidades de cada família.



## **Grace C. Ferreira-Donati**

Fonoaudióloga clínica formada pela USP Bauru, em 1999. É especialista em Linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (2002), mestre (2006) e doutora (2016) em Educação (Educação especial) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, Terapeuta certificada pelo Hanen Centre para o Programa More Than Words de capacitação de familiares de crianças com TEA e outras dificuldades de comunicação social. Atual Coordenadora do Comitê de CSA e LIBRAS da SBFa e pós-doutoranda na FOB/USP.

# Referências

- ◀ ANDRADE, C. R. F. Fonoaudiologia preventiva: teoria e vocabulário técnico-científico. Ed Lovise. São Paulo, 1996. 165 p.
- ◀ FONOAUDIOLOGIA, o que é. Conselho Regional de Fonoaudiologia, 2ª Região São Paulo. Acesso em 06 nov 2016. Disponível em:< <http://www.fonosp.org.br/crfa-2a-regiao/fonoaudiologia/o-que-e-a-fonoaudiologia/>>.
- ◀ MALUF, A.C.R.F.D.Novas modalidades de família no pós-modernidade. (Tese de doutorado). Faculdade de Direito da USP. São Paulo, 2010.
- ◀ ABRAMIDES, D. V. M. Capítulo 2 – Aspectos psicossociais da aquisição e desenvolvimento da linguagem. In: LAMÔNICA, D. A. C. Estimulação da linguagem: Aspectos teóricos e práticos. 1ed. São José dos Campos: Pulso, 2008; p. 29 – 41.
- ◀ MINERVINO – PEREIRA, A. C. M. Capítulo 3 – O envolvimento da família no processo de reabilitação de crianças com alterações. In: LAMÔNICA, D. A. C. Estimulação da linguagem: Aspectos teóricos e práticos. 1ed. São José dos Campos: Pulso, 2008; p. 43 – 54.
- ◀ FERREIRA-DONATI, G. C. Programa de educação familiar à distância em linguagem e comunicação suplementar e alternativa (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2016.
- ◀ GOLDONI, N. I. Orientação para familiares de alunos com paralisia cerebral usuários de sistemas de comunicação suplementar e alternativa (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2014.

# Referências

- ◀ FUMAGALI, F. A. Estimulação de linguagem direcionada para pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) - Guia Informativo (monografia). Faculdade de Odontologia de Bauru. Bauru, 2016.
- ◀ BASTOS, B. G. FERRARI, D. V. Portal dos bebês - Seção aparelho auditivo: avaliação por pais de crianças deficientes auditivas. Rev. CEFAC. Jan-Fev; 16(1):72-82. São Paulo, 2014. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n1/1982-0216-rcefac-16-1-0072.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n1/1982-0216-rcefac-16-1-0072.pdf)>. Acesso em 13 maio 2017.
- ◀ GIVIGI, R.C.N. et al. Implicações de um diagnóstico: o que sentem as famílias dos sujeitos com deficiência? Distúrbios Comun. São Paulo, 27(3):445-453, setembro, 2015.
- ◀ GIVIGI, R. C. N.; SANTOS, A. S.; RAMOS, G. O. Um novo olhar sobre participação da família no processo terapêutico. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 221-228, set./dez. 2011.
- ◀ FERREIRA-DONATI, G. C. Programa de educação familiar à distância em linguagem e comunicação suplementar e alternativa (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2016.
- ◀ FERREIRA-DONATI, G. C. Intervenção fonoaudiológica de abordagem comportamental em TEA: metas, modelos e planos terapêuticos (Apresentação oral). I Simpósio Atualidades no Transtorno do Espectro Autista. Bauru, 2017.
- ◀ REGO, F.L.C. A entrevista inicial na clínica fonoaudiológica. Revista Symposium. Ano 4 Número Especial. Novembro, Pernambuco, 2000.

# Obrigada!

**Perguntas?**

- ◀ [gracecf@uol.com.br](mailto:gracecf@uol.com.br)
- ◀ [petfono@gmail.com](mailto:petfono@gmail.com)

